

## UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA: DIÁLOGOS SOBRE A SEXUALIDADE E O AUTOCONHECIMENTO

Michelly de Carvalho Ferreira<sup>1</sup>  
Eduardo Souza da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho retrata ações que foram planejadas e executadas, sob o olhar do projeto - Uma Abordagem Pedagógica: Diálogos sobre a Sexualidade e o Autoconhecimento, desenvolvido de forma interdisciplinar, envolvendo as áreas de Língua Portuguesa e Matemática, aliados aos conteúdos de Ciências e Biologia, direcionado aos estudantes do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II e 1º ao 3º anos do Ensino Médio da ECIT Márcia Guedes A. de Carvalho, da rede Estadual da Paraíba. Para tanto, deveu-se a exploração do método qualitativo, pautado em uma sequência didática norteadas pelos temas: a Adolescência e suas Transformações, Autoconhecimento – Quem eu sou? Ciclo Menstrual e “Minhas regrinhas”, Métodos Contraceptivos e Doenças Sexualmente Transmissíveis. Como a Sexualidade diz respeito à personalidade individual e perpassa pelas questões pessoais, emocionais, hormonais e culturais de cada sujeito, esta sequência pedagógica proporcionou momentos de discussão, troca de ideias em forma de roda de conversas, questionamentos e participação em dinâmicas, entre outras atividades propostas. Deste modo, tornou cada encontro interativo e, inclusive, alguns estudantes relataram a necessidade e importância de ser discutido estes conteúdos na escola, porque, dentro de suas casas, pouco ou dificilmente conseguem falar a respeito, isto naturalmente com seus pais ou responsáveis. Portanto, foram perceptíveis os aspectos positivos observados durante as aulas, devido à participação ativa, principalmente no tocante à *quebra dos tabus*, ainda tão presentes em nosso meio.

**Palavras-chave:** Sexualidade, Diálogos, Autoconhecimento.

### INTRODUÇÃO

Como a área da Educação Sexual pressupõe conhecimentos que perpassam desde a saúde, a compreensão do funcionamento do corpo humano, os sentimentos e, principalmente, como saber lidar com sua vida pessoal, partindo do intuito de compreender as modificações que ocorrem na fase da adolescência em transição para a idade adulta, que foram pensadas ações didáticas para discutir o tema denominado Uma Abordagem Pedagógica: Diálogos sobre a Sexualidade e o Autoconhecimento.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ensino de Ciências pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [autorprincipal@email.com](mailto:autorprincipal@email.com);

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [eduardo\\_ss@icloud.com](mailto:eduardo_ss@icloud.com).

A princípio, discutir esta temática se faz necessário e pertinente, pois muitas são as situações observadas em nosso cotidiano, de modo particular, no interior da escola, motivo pelo qual se direcionou a abordagem destes conteúdos, a fim de contribuir e orientar os jovens e adolescentes em suas práticas e escolhas pessoais.

Neste contexto, é perceptível o *chamado* de atenção sobre alguns aspectos, ecoando como que um "pedido", principalmente no tocante ao ensino de Ciências e Biologia, a pensar ações pedagógicas que tratem sobre o tema, traçando possíveis conexões entre as áreas de Língua Portuguesa e Matemática, dialogando com os saberes, repensando a interdisciplinaridade e, conseqüentemente, nas melhorias no desempenho dos estudantes.

Assim, a Educação Sexual se apresenta como uma questão de emergência, e, portanto, se faz necessária a discussão desta temática, no interior dos espaços escolares, pois muitas são as dúvidas, medos, inseguranças e tabus que a maioria dos jovens e adolescentes apresentam, muitas vezes justificados que, em seus lares, não existem abertura, diálogos e/ou orientações sobre o assunto.

Para esta intervenção pedagógica, o projeto foi direcionado aos estudantes do 8º/9º anos do Ensino Fundamental II e 1º ao 3º anos do Ensino Médio da ECIT Márcia Guedes A. de Carvalho, da rede Estadual da Paraíba, embasado no método qualitativo, orientado em uma sequência didática que percorreu temas: a Adolescência e suas Transformações, Autoconhecimento – Quem eu sou? Ciclo Menstrual e “Minhas regrinhas”, Métodos Contraceptivos e Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Em consonância com a proposta deste trabalho, o público juvenil, participante das aulas, demonstrou interesse, curiosidade e reciprocidade ao tema proposto. Entretanto, esta discussão não pode se limitar ou encerrar com o período planejado deste projeto, pois deve ser sempre refletido e apresentado a todas as demandas escolares, atualizando a todas as gerações.

## **METODOLOGIA**

O método qualitativo descreve uma relação entre o objetivo e os resultados que não podem ser interpretadas através de números, nomeando-se como uma pesquisa descritiva. Todas as interpretações dos fenômenos são analisadas indutivamente (Fernandes, 2003).

Partindo desse princípio, este projeto foi realizado em forma de pesquisa qualitativa, buscando o contato direto do pesquisador com o ambiente e a temática investigada, dialogando com os estudantes e professores, sujeitos da comunidade escolar, envolvidos na problematização.

Para nortear as aulas, seguimos uma sequência lógica, obedecendo-se aos seguintes temas: 1º - A Adolescência e suas transformações; 2º - Autoconhecimento: Quem eu sou; 3º - Reprodução Humana - Sistema Reprodutor Masculino e Feminino; 4º - Ciclo Menstrual e Minhas "Regrinhas" e 5º - Métodos Contraceptivos/ Doenças Sexualmente Transmissíveis.

A discussão inicial sobre a Adolescência e suas transformações partiu da leitura e reflexão do poema *Adolescência – Mudanças e Autoconhecimento*, da autora Ryane Leão que, em um dos seus trechos, diz: “Tanta coisa tem acontecido nos seus dias... [Tudo mudando dentro e fora...] [Você está virando uma galáxia inteira de possibilidades”].

Em sequência, no segundo momento, tratamos do Autoconhecimento, no questionamento do Quem eu sou? Na ocasião, contamos com a participação de um psicólogo que tratou de sua profissão como um de seus projetos de vida e ampliou a discussão da temática.

Dentro do contexto, a abordagem sobre Reprodução Humana - Sistema Reprodutor, foi dividida em dois momentos, um específico para compreender os órgãos e funcionamento do trato feminino e, em outra aula, para o masculino. Para esses temas, utilizou-se materiais com informações e imagens através de slides didáticos e peças de estudo anatômicos.

Ao falar sobre o Ciclo Menstrual e Minhas "Regrinhas", iniciamos com dinâmicas do tipo perguntas e espaço para respostas, estourando balões, e, após, a apresentação de slides, quando os alunos trouxeram vários gráficos, com intuito de trabalhar a compreensão dos fundamentos biológicos femininos, embasados com a interpretação de dados numéricos. Assim, a professora de Matemática colaborou com a linguagem gráfica e tecnológica, percorrendo sobre os conhecimentos de sua área.

Cumprindo a última das etapas, fechamos com os Métodos Contraceptivos e Doenças Sexualmente Transmissíveis, ao assistir ao filme: *Confissões de Adolescentes* e participação de um enfermeiro que tratou de sua atuação como profissional da área da saúde e, em forma de roda de conversa, propôs um debate com os estudantes.

Para a execução de cada tema, foram utilizados os recursos notebook, data show, atividades impressas, lousa e canetas, auxiliando cada encontro. De modo a orientar as temáticas, foram mediadas em caráter de *papo aberto*, em forma de círculo, a fim de instigar a participação, nos aproximar uns dos outros e quebrar os *tabus*, ainda tão presentes em nosso meio.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A sexualidade pode ser compreendida como um processo construído ao longo do desenvolvimento dos sujeitos, influenciado por aprendizagens e experiências sociais e culturais (LOURO, 2008) que remete ao prazer e à qualidade de vida. Inicialmente, o processo de educação sexual ocorre, informalmente, a partir das relações com o ambiente, tendo a família como referência, e, formalmente, como prática pedagógica, nas escolas e instituições sociais (FIGUEIRÓ, 2010; FURLANI, 2011a).

O desenvolvimento das práticas de educação sexual nas escolas começou no início do século XX, tendo como foco o controle epidemiológico. Na época, prevaleciam discursos que eram, em geral, repressivos, ancorados nos pressupostos da moral religiosa e reforçados pelo caráter higiênico das estratégias de saúde pública (FIGUEIRÓ, 2010; SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015). Com o avanço das discussões políticas a respeito dos direitos sexuais e reprodutivos, em que o movimento feminista teve forte participação, ampliaram-se as discussões acerca da sexualidade para além do caráter biológico, possibilitando que fosse compreendida como prática aliada à saúde física e mental (SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015; TAQUETTE, 2013).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o objetivo da educação sexual é que a escola discuta o tema, a fim de contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer, saúde e responsabilidade. Neste contexto, propõe que seja trabalhado transversalmente, perpassando todas as disciplinas, em consonância com uma visão ampla de sexualidade, incluindo seu caráter cultural, social e histórico (BRASIL, 1998; PALMA et al., 2015).

O sentir-se bem no âmbito da sexualidade constitui um dos principais critérios de saúde mental e de satisfação interpessoal (SIQUEIRA, 2001). Sobre este aspecto de bem-estar, são perceptíveis as “arestas” ou lacunas deixadas pelas famílias, na maioria das vezes ausente, indiferentes ou despreparadas para orientar na caminhada na transição da adolescência via maturidade adulta. Assim, a escola e o núcleo familiar, de mãos dadas, podem proporcionar a juventude esclarecimentos e retirada de dúvidas, assim como a superação de decisões e atitudes, que ultrapassem preconceitos diante da sexualidade.

Firmamos, assim, mais uma vez, que a educação não pode se constituir só em informação, que é apenas um dos seus componentes. A educação, que compreende a modificação de atitudes, é algo bem mais amplo. Não é apenas fornecendo informações sobre

a sexualidade que conseguiremos alterar os comportamentos das pessoas, pois conhecendo muitos fatos sobre sexualidade, contraceptivos ou métodos de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, as pessoas podem continuar a não os usar. Aliás, para demonstrar que a mera informação não tem o poder de mudar comportamentos, basta lembrarmos que, apesar de saber dos malefícios do tabagismo, exaustivamente divulgados, muitas pessoas (de médicos a educadores) continuam fumando. (VITIELLO, 2019)

A respeito da educação sexual, provavelmente o mais sensato é apontar para a colaboração entre a escola e as famílias. O professor tem a vantagem do treinamento específico para educar os alunos. Os pais têm a vantagem da proximidade familiar, do conhecimento mais próximo e da sua influência exercida através do testemunho diário. O professor estará eventualmente mais preocupado em aproximar a educação para a sexualidade aos valores sociais do cotidiano, como, por exemplo, a igualdade de gênero ou o combate à discriminação sexual. Na grande maioria dos casos, acredita-se que tanto a escola como as famílias, cada uma com o seu papel, podem articular-se para dar aos jovens uma visão positiva da vida emocional e sexual e, claro, fazê-los seres mais autônomos e responsáveis. (RESENDE, BEIRANTE & GOUVEIA)

O “não dialogar”, desse modo, facilita a exposição de adolescentes a situações de riscos relacionados ao exercício da sexualidade, como gravidez indesejada, contágio de infecções sexualmente transmissíveis e traumas psicológicos e emocionais resultantes da vivência de uma sexualidade frustrante (TRINDADE & BRUNS, 1999).

Frente ao exposto, a família e a escola, corresponsáveis pela formação do indivíduo, devem possibilitar aos jovens uma educação sexual que pressupõe a busca de uma sexualidade emancipatória, ou seja, uma sexualidade gratificante, socialmente livre e responsável, subjetivamente enriquecedora e concebida como parte integrante e essencial da vida humana. A educação sexual emancipatória pressupõe o desenvolvimento de ações educativas com a finalidade de promover a autonomia, buscando superar padrões de comportamentos hierarquizados e estereotipados, superando preconceitos e tabus (GARCIA, 2005).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em meio a esta abordagem pedagógica, de acordo com as etapas executadas, cada ação que foi sendo desenvolvida permitiu momentos de partilha, interação, questionamentos e espaços oportunistados a compartilhar medos, inseguranças e experiências vividas no decurso do ingresso e passos da adolescência.

É evidente que tratar desta temática sempre causará diversas reações, logo, o público-alvo foi bastante misto, variando a idade dos 13 (treze) até os 18 (dezesete e dezoito) anos, sendo perceptível que alguns demonstravam pouca compreensão, dúvidas, vergonha e timidez, enquanto outros expressavam liberdade, maturidade e abertura para discutir os diálogos propostos naturalmente.

Entretanto, em todas as etapas, houve a participação ativa dos discentes, que se colocavam, respondiam, citavam exemplos, indagavam e se envolviam nas dinâmicas, além das produções escritas e exercício da argumentação, sendo apresentadas opiniões e visões pessoais sobre o tema, em uma culminância, socializando um pouco do vivenciado no projeto.

Deste modo, as áreas de Língua Portuguesa e Matemática, entraram neste contexto, no tocante ao momento dessas apresentações, corroborando com a interdisciplinaridade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a discussão do tema, é notória a necessidade de se discutir sobre a sexualidade no tocante ao meio escolar, pois os adolescentes apresentam particularidades muito adversas e, a partir de suas curiosidades e descobertas, abre-se um leque de possibilidades que a maioria sem orientações se sente despreparada ou encorajada a seguir, trazendo diversas consequências que podem marcar negativamente essa fase tão importante de suas vidas.

Então, a escola torna-se o local onde esses sujeitos conseguem se expressar, questionar, compartilhar e se abrir em meio a suas buscas e conflitos, pois segundo eles, em seus lares, nem sempre há oportunidades para conversar e muito menos orientações que os ajudem a seguir seus caminhos.

Em meio a essas realidades, podemos perceber que o apoio e a participação da família, junto à escola, é mínima ou ausente, motivo este que mais uma responsabilidade se direciona ao meio escolar, que não pode ser alheio ou indiferente a essas questões tão importantes na formação humana, emocional e psíquica do adolescente.

Para tanto, este trabalho desenvolveu ações pedagógicas que discutiram as diferentes temáticas ordenadas sobre: 1º - A Adolescência e suas transformações; 2º - Autoconhecimento: Quem eu sou; 3º - Reprodução Humana - Sistema Reprodutor Masculino e Feminino; 4º - Ciclo Menstrual e Minhas "Regrinhas" e 5º - Métodos Contraceptivos/Doenças Sexualmente Transmissíveis. Assim, em cada aula, traçou-se um plano metodológico condizente com o tema a ser discutido, pensando meios didáticos e heterogêneos, a fim de que não fosse algo *careta*, enfadonho e comum à rotina de estudos.

Acreditamos que essas ações tenham sido positivas, de acordo com o observado nos discentes participantes do projeto, uma vez que foram assíduos, interativos e protagonistas nas atividades propostas. Sabemos que essa temática não se limita a um único projeto desenvolvido em nenhuma unidade escolar, porque a cada dia a sociedade e os sujeitos mudam ou pensam de forma diferente, o que torna a temática tão necessária ao âmbito escolar.

## REFERÊNCIAS

- FERNANDES L. A.; Gomes, J. M. M. **Relatório de pesquisa nas Ciências Sociais: Características e modalidades de investigação.** Contexto, Porto Alegre, v. 3, n. 4, 2003.
- FIGUEIRÓ, M. N. Damico. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio.** 3. ed. Londrina: Eduel, 2010.
- GARCIA, A. M. **A Orientação Sexual na Escola: Como os professores, alunos e pais percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual.** Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo, 2005.
- LOURO, G. Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** Proposições, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.
- PALMA, Y. Arrial; PIASON, Aline da Silva; MANSO, A. Garcia; STREY, M. Neves. **Parâmetros curriculares nacionais: um estudo sobre orientação sexual, gênero e escola no Brasil.** Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 727-738, 2015.
- RESENDE, J. Manuel. BEIRANTE, David e GOUVEIA, Luís. **Educação sexual entre a escola e a família: afinidades difíceis de afinar.** Revista Sociologia da Educação. 2018.
- SFAIR, S. Caram; BITTAR, Marisa; LOPES, R. Esquerdo. **Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais.** Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 620-632, 2015.
- SIQUEIRA, R. M. O. **Representações sociais de jovens estudantes do ensino médio em Itajaí/SC, sobre relações íntimas no contexto da AIDS (Dissertação de Mestrado).** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2001.



TAQUETTE, Stella R. **Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência.** Adolescência e Saúde, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 72-77, 2013.

TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. **Adolescentes e paternidade, um estudo fenomenológico.** Ribeirão Preto: Holos, 1999.

VITIELLI, N. **A Educação Sexual Necessária.** Revista Brasileira de Sexualidade Humana Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v6i1.793>. Acesso em 15 de Julho de 2023.